

EDITORIAL

Nutrição necessária

Das incoerências do mundo, a mais forte candidata a principal paradoxo é o fato de se produzir comida suficiente, enquanto há tantos famélicos e desnutridos. A contradição aparece em novo estudo da FAO – braço das Nações Unidas para cuidar do tema da alimentação, uma tentativa de alertar os governos e sociedades.

O problema não é a oferta de calorias, mas sim o acesso aos nutrientes. Quando se consegue saciar a fome, nem sempre estão ao alcance proteínas de qualidade. Também é difícil adquirir frutas, verduras e legumes. A conta do cardápio recomendável pesa no bolso das famílias, sobre-

tudo das mais pobres.

A situação é ainda mais grave na América Latina e no Caribe, regiões onde o custo da alimentação saudável vem se mantendo como o maior do planeta. A

Das incoerências do mundo, a mais forte candidata a principal é o fato de se produzir comida suficiente, enquanto há famélicos

sensação de injustiça aumenta quando se sabe a importância destes povos mais carentes ao colaborarem, geração após geração, com a produção de alimentos agora nem sempre a eles acessíveis.

O milho, o cacau e o abacate são contribuições de maias e astecas; a batata, dos andinos; mandioca e caju, indígenas brasileiros; e as uvas, dos chilenos. É uma contradição dolorosa para territórios com forte vocação agrícola: exportamos milhões de toneladas, mas não conseguimos assegurar diversidade e qualidade nutricional para nossa própria população.

A mecânica de mercado privilegia com-

modities e longas cadeias de exportação, enquanto os mercados locais enfrentam distribuição cara, ineficiente e desigual. O cenário expõe, com clareza perturbadora a divergência entre o mundo em que se impõe o enriquecimento dos investidores no agronegócio e aquele que deveria também privilegiar atender a demanda, seguindo a máxima de destinar para cada um segundo sua necessidade.

Entre um e outro pólo antagônico, é preciso buscar meios razoáveis de abastecimento com cotas mínimas de alimentos saudáveis, pois não se pode aguardar o amanhã para suprir as carências do organismo humano

CAU GOMEZ

As charges publicadas neste espaço expressam as opiniões de seus autores



“Deus lhe pague”

Laurenço Mueller
Arquiteto e urbanista, doutor em arquitetura e urbanismo e mestre em ciências sociais pela UFBA
muellercosta@gmail.com

O arquiteto, escultor, artista visual, cavaleiro da Ordem de Kirimure, também presidente da ABARVI e finalmente, articulista deste jornal, Celso Cunha Neto, encontrou uma fórmula de homenagear Santa Dulce dos Pobres ao organizar uma exposição que se chama “A última porta” no foyer do Tribunal de Justiça da Bahia, a partir de agosto (4 a 14). O título já remete ao ato do acolhimento, a vida inteira promovido pela santa.

Quase agnóstico que sou – na Bahia ninguém pode deixar de crer nos deuses e deusas, sobretudo nestas – além da mobilização para promover esta forma de associativismo e ativismo cultural, lembrou-me o remorso de que nunca havia prestado àquela senhora nenhum tipo de colaboração ou ajuda e agradeço ao amigo Celso a oportunidade de participar, ao lado de ‘monstros’ como Bel Borba, Maria Adair e Juarez Paraíso.

Em apertada pesquisa – não se tem tempo hoje em dia nem para pagar promessas, quanto mais para pesquisar a vida dos santos – ouvi algumas histórias da gloriosa campanha da então Irmã Dulce para arrecadar din-din dos grandes empresários baianos e beneficiar os seus pobres.

Entre os muitos casos de dedicação permanente e muito trabalho desta gestora, que procurou de ‘seu’ Mamede (Paes Mendonça) a ‘doutor’ Norberto (Odebrecht) – estes já ao seu lado – e Ângelo Calmon de Sá, que permanece ajudando e já roseamente perdoado dos seus pecados neste mundo, ouvi de um amigo, benfeitor da causa, uma estória de frase envolta no poder divino, que a Irmã vaticinava ao receber o donativo para seus pobres: “Deus lhe pague”, segredado ao ouvido. E realmente pagava, todos estes empresários foram bem sucedidos, pelo menos em seus objetivos financeiros.

Dulce nasceu em 26 de maio de 1914 e faleceu em 13 de março de 1992. O 13 de agosto, dia em que ingressou na vida religiosa em 1933 é considerado o dia do “Anjo Bom da Bahia”. Foi beatificada em 2014 pelo enviado especial do Papa Bento XVI, D. Geraldo Majella, e canonizada em 13 de outubro de 2019, por Francisco. Seu famoso hospital Santo Antônio foi criado originalmente num galinheiro do convento e hoje atende mais de cinco mil pessoas. Dulce é considerada uma das maiores ativistas do século vinte.

“O Vaticano considera, oficialmente, que a Irmã Dulce é a primeira santa brasileira. Embora outras brasileiras e uma religiosa que atuou no país tenham sido canonizadas pela Igreja Católica, Irmã Dulce é a primeira mulher nascida no Brasil que teve milagres reconhecidos.”

Declaro que este artigo foi escrito em colaboração com as Inteligências Naturais lá de cima, ao lado de Santa Dulce dos Pobres.

Em tempo: permanece, a partir de 16.07, exposição do baianíssimo marroquino Dimitri Ganzhevitch, na Aliança Francesa.

O que dizem os nomes de nossas ruas

Paulo Ormino de Azevedo
Arquiteto, professor titular aposentado da UFBA e membro da ALB, IAB e ABI
pauloormindo@gmail.com

Os nomes das ruas de Salvador descrevem muitas coisas. Para o escritor Luiz Eduardo Dórea elas contam a história da cidade. Para outros, os costumes sociais, e para os poetas, como Bandeira, suas lembranças de infância. Salvador tem nomes lindos de ruas, que seus pré-feitos não conseguiram trocá-los para Dr. Fulano de Tal.

Nomes de estados da alma, como Aflitos, Preguiça, Paciência, Soledade, Piedade, Perdões e Misericórdia. Quando cresci descobri que estes nomes amargos eram de conventos que vendiam sequilhos e pasteis doces e licores. Outros logradouros evocam locais de preces, como a Rua da Oração, Cruzeiro de São Francisco, Cruz do Pascoal, Canto da Cruz, Cruz da Redenção, Rosário e Largo dos 15 Mistérios, um nome mágico. Também ligados às igrejas há praças mais

alegres, como Boa Viagem, Graça, Saúde, Vitória, e até Paraíso.

Também tivemos aqui os reflexos da Inquisição, com um Aljube para punir padres liberados e um gueto, a Mouraria, onde se segregava juntos mouros e judeus, como nas pequenas vilas portuguesas, embora Cid Teixeira afirme, sem provas, que o bairro era um acampamento de ciganos. E temos o Desterro, onde não por acaso viviam os judeus. A presença dos islâmicos foi muito forte em Salvador com os escravos Malês, que lideraram uma revolta libertária em 1835. Conservamos ainda nomes como Mesquita dos Barris e Rua dos Algibebes, no Comércio, de alforriados que negociavam brechós e quinquilharias baratas.

Muitos logradouros e bairros de Salvador têm nome de acidentes naturais, como Alagados, Alto do Cabrito, em Plataforma, Barroquinha, Lapa, Conceição da Praia, Dique e seu Sangradouro, Ribeira, Rio Vermelho, Ponta do Padrão, Porto da Barra e nomes poéticos de plantas, como Rua das Flores, Cajazeiras, Jenipapeiro e Mangueira.

Nomes pitorescos dos logradouros estavam ligados à sua função, como Baixa dos Sapateiros; Becos dos Calafates, no Comércio, e do Mingau, no Sodré; bairro dos Barris, ligado à fonte do Tororó; Caminho de Areia; Campo da Bola, em Cosme de Farias; Ladeiras da Montanha, das Hortas, em São Bento, da Lenha, no Bonfim, e do Molambo, em Brotas; Largos dos Dois Leões, da Quitandinha do Capim, em S. Antônio de Além do Carmo, Sete Portas; Rua do Carro em Nazaré e, no Centro Histórico, as Ruas do Açouguinto, do Mocambinho, do Passo, do Tijolo e do Tira Chapéu.

O velho Joventino Silva e seu cunhado, Manoel Dias da Silva, compraram, no início do século passado, a Fazenda Pituba com a intenção de lotear e esboçaram o Plano Cidade-Luz. Para o seu desenvolvimento contrataram o Eng. Teodoro Sampaio, que levantou a área e desenhou suas ruas em 1919 e as aprovou em 1932. As transversais da Avenida Manoel Dias da Silva, espinha dorsal do bairro, foram dados nomes dos estados. De quem foi a ideia? É um dos 15 mistérios.